

Design com humor.

por Gilberto Dimenstein

O DESIGNER GRÁFICO GUSTAVO PIQUEIRA recebeu de uma revista inglesa de arquitetura interessada na Lei Cidade Limpa a encomenda de um artigo sobre o que significava viver sem poluição visual. “A sensação que eu tive é que eles tinham a ilusão de que São Paulo tinha se transformado num deserto de outdoors”, conta Piqueira. Do artigo surgiu a idéia de escrever um livro sobre a esquisitice dos anúncios das ruas paulistanas - e acabou em um conjunto de pequenos relatos ficcionais bem-humorados. Formado em arquitetura pela USP e dono de um dos mais premiados estúdios brasileiros de design gráfico (seu mérito foi reconhecido nas últimas três edições, no Brasil, da Bienal de Design Gráfico), Piqueira sentiu que apenas o humor ajudaria a explicar algumas placas que se adaptaram, na pressa e improvisadamente, à nova legislação. Uma delas, que notou no caminho de sua casa até o escritório, tinha as seguintes letras, que originalmente formavam a palavra estacionamento: “Stacio”. Embaixo delas, um telefone com apenas três números: 387. Foi a forma que o proprietário do estabelecimento encontrou para não levar a multa. “Em que ele deve ter pensado para deixar uma placa incompreensível com o número de telefone imprestável?” A pergunta estimulou o designer a descobrir mais exemplos inusitados de placas, cada qual inspirando uma pequena história, fazendo uma imersão na estética paulistana. Nesse contexto, o título do livro, que acaba de ser lançado, traz uma dose de ironia: “São Paulo, Cidade Limpa”.

Não que Piqueira não goste da lei que desentulhou um pouco o visual paulistano. “É que fui me atraindo pelo mau gosto das placas e encontrei nelas uma estética.” Numa delas, sobrou apenas o telefone. Em outra, nem isso. Restou o número do imóvel, 554, que, sabe-se lá por quê, repete o indicativo que já estava na fachada. Diante do resultado, o personagem criado pelo designer lamenta: “Droga. Sem placa, ninguém vai imaginar que aqui é uma oficina. Mas dez paus de multa? Sai fora.” Quem lê o livro talvez fique com a impressão de que o aprendizado estético torna quase incompatíveis São Paulo e Gustavo Piqueira. Errado. “Aprendi a enxergar a cidade e dela tiro beleza.” Ele é daqueles raros paulistanos que, apesar de tudo, nunca deixaram de caminhar a pé, sempre interessados em alguma surpresa. “As ruas são, para mim, uma espécie de sala de aula.” Por isso, nem pensa em se mudar. Chegou a ponto de, certa vez, discutir com a namorada, que resolveu estudar em Berlim. “Falei para ela que, se ficasse aqui, daria na mesma. Ela voltou igual e, um ano depois, eu estava diferente”, orgulha-se.

Publicado na Folha de S. Paulo em 10.10.2007